

VOZES INSURGENTES DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA: OUTRA COMUNICAÇÃO É POSSÍVEL

O Dossiê *Comunicação e Gênero na América Latina* reúne, nesta edição da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, reflexões de pesquisadores e pesquisadores de várias regiões da América Latina. O conjunto contempla 15 textos selecionados, a entrevista ¡La tierra estalló! *Caminar juntas para una comunicación depatriarcal y decolonial*, com Alejandra Cebrelli e Flores Raras – *Coletivo e Grupo de Pesquisa Educação*, na seção de Estudos. Os trabalhos são decorrentes de investigações, reflexões e de análises teórico-acadêmicas. Igualmente, contemplam o intercâmbio de conhecimentos no campo prático-conceitual, considerando as experiências individuais e coletivas presentes nas análises disponibilizadas, que evidenciam outros olhares para a pesquisa em comunicação e os estudos de gênero na região.

Refletir sobre a Comunicação na paisagem da América Latina é antes de tudo uma busca para o entendimento de contextos culturais, políticos, econômicos e sociais diversificados e de grande inquietude. O desafio para atender o escopo proposto no Dossiê foi o de reunir características comunicativas e sociais, sem restringir o que deve ser entendido como *Comunicação e Gênero*, neste cenário. Associadas as tradições culturais diversas, baseadas nas práticas comunicacionais, nas experiências individuais e coletivas de quem produz e consome comunicação, as marcas distintivas que desenham essas peculiaridades regionais estão unidas por semelhanças, porém também marcadas por muitas diferenças.

É possível observar, nas múltiplas produções disponibilizadas, que parte do conhecimento e da evolução em comunicação na América Latina resulta de produtos que circularam e circulam nos meios massivos, vinculados, muitas vezes,

a criações da cultura popular e que têm sido capazes de promover e manter certa usualidade da indústria midiático-cultural. As circunstâncias dessas produções resultam de análises histórico-culturais, próprias da evolução político-social vivida em toda região. O desvio das perspectivas ortodoxas e convencionais da pesquisa na área está fundamentado na construção prática do conhecimento, que vem agregado de vivências diversas, singularidades próprias, protagonizadas nos múltiplos espaços sociais da região.

O conjunto de reflexões e apontamentos disponibilizados nos textos do Dossiê suplanta a crítica essencialista da dualidade (mulher/homem) e se pauta no gênero enquanto categoria para análise comunicativa, rejeitando o caráter fixo e permanente da oposição binária, presente na construção hierárquica da relação entre masculino e feminino. Desta forma, “em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados. (...) Temos que nos perguntar mais frequentemente como as coisas acontecem para descobrir porque elas acontecem” (SCOTT, 1995, p. 20). Assim,

[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1995, p. 88)

Deste modo, se estabelecidos como “um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 1995, p. 88), fornecendo o instrumental necessário para sua interconexão com a comunicação, legitimando e construindo as relações sociais.



Soma-se a essa assertiva as reflexões contidas na *Apresentação* de Cláudia Pons Cardoso (2019), no livro *Teoria feminista*, de bell hooks, publicado em 1984, nos Estados Unidos. Escrito a partir da vivência “feminista iniciada no lar patriarcal” de bell hooks, traz o entendimento de que o movimento feminista “possui um potencial revolucionário”, em especial quando é entendido e vivenciado como “um movimento que pretende acabar com a opressão sexista”. E reforça, o “feminismo é um compromisso ético, político, teórico e prático com a transformação da sociedade a partir de uma perspectiva antirracista, antissexista, antilesbofóbica, anti-homofóbica, antitransfóbica, anticapitalista”, oportunizando a “construção de uma nova ordem social”. (CARDOSO, 2019, p. 11).

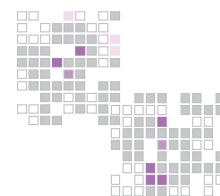
Reunir no Dossiê as múltiplas abordagens interseccionais, que estabelecem conexões entre comunicação e gênero como dimensões centrais de construção de sentido, que se entrecruzam com diversos marcadores sociais, como: raça, classe, identidades sexuais, etnia e/ou que conjugam as agendas contemporâneas de movimentos sociais de mulheres, os ecofeminismos, os ativismos feministas, o sujeito feminino silenciado e subalternizado, a violência de gênero, o autocuidado feminino, o direito das mulheres, o feminismo performático, os coletivos anti-racistas, feministas e LGBTQIAP+ e as diversidades étnicas, entre outros; permitem conhecer, refletir, referenciar e divulgar pesquisas desenvolvidas nas diversas regiões da América Latina, trazendo outros olhares para a investigação científica.

As desigualdades sociais e as injustiças estruturais apontadas pelas questões de gênero, raça, classe social e as interseccionalidades contidas nos estudos sobre o tema nos desafiam para a reflexão crítica e conjunta, amparada em uma diversidade de correntes teórico-metodológicas que têm produzido alterações

epistemológicas na produção do conhecimento. Os processos comunicativos resultantes dessas interligações têm permitido o saber sobre os ativismos de militância, suas dinâmicas, trajetórias e as subjetividades dos sujeitos coletivos, que transcendem a dicotomia homem-mulher. E a América Latina tem protagonizado estudos e vivências dessas miradas comunicativas e de produção de sentido, onde capacidades produtivas são potencializadas com a inclusão de epistemologias autóctones, aceitando “os princípios da diversidade, da contradição, da alteridade, da fraternidade, da aventura intelectual e da paixão por transformar o mundo” (MALDONADO, 2010, p. 12), admitindo rupturas e continuidades em todo o processo.

Destarte, as investigações que integram o Dossiê conclamam para outras formas de (re)interpretar os processos comunicativos e histórico-sociais que ocorrem em tempos e em espaços sociais múltiplos, não sendo possível “[...] desentrañar el sentido de los procesos históricos sin contar con la mirada desde la comunicación”. (URANGA, 2016, p. 80)

Sem dúvida que a seleção do material demandou escolhas difíceis, considerando a quantidade, qualidade e diversidade do material submetido ao Dossiê. E os resultados da seleção, apresentados em seu conjunto, evidenciam suas/seus protagonistas sociais, nos múltiplos cenários desenhados nos estudos em comunicação da região. Sem perder de foco que se “la existencia irrefutable de un sistema discriminatorio que favorece notablemente al hombre en desmedro de la mujer” se faz presente nas estruturas sociais trazidas nas reflexões contidas nos textos, igualmente, indicamos o caminho da desmistificação de conceitos como “monosexismo narcisista y masculino” (PROAÑO, 1982, p. 2) e que se apresentam muitas vezes camuflados e reforçados em concepções colonialistas. Tais assertivas, também, nos desafiam para a necessidade de



realizar uma revisão do cânone comunicativo presente na construção hierárquica da relação binária estabelecida.

Os trabalhos contidos no Dossiê trazem para as análises realidades que são vivenciadas por suas autoras/es e/ou observadas por elas/eles através das pesquisas realizadas, como os estereótipos, as formas de discriminação, desigualdades, injustiça social, opressão, entre outras. Alguns trabalhos tratam de aplicações teórico-metodológicas ou realizam revisões históricas e recuperam memórias femininas invisibilizadas e esquecidas. Outros mostram os cenários dos movimentos sociais e da luta por direitos. Há aqueles falam de tecnologias, os que tratam do exercício profissional na área da comunicação, dos desafios da formação acadêmica, dos processos comunicativos e das produções midiáticas, passando pelos estereótipos, formas de opressão, violência, invisibilidade etc.

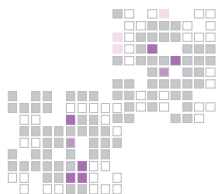
Assim, não é possível considerar nas análises realizadas e disponibilizadas no Dossiê somente os resultados gerados em “espaços legitimados” de produção de conhecimento como, por exemplo, centros de pesquisa e instituições de ensino. É preciso mirar outros ambientes de atuação, como das indústrias midiáticas, dos movimentos de cultura popular e de luta para por fim a uma série de fatores que “classificam”, invisibilizam e excluem dos cenários comunicativos e acadêmicos algumas produções. Isso ocorre, muitas vezes, por não atenderem determinadas composições teórico-conceituais, perfis produtivos ou mesmo por não conseguirem chegar aos espaços de divulgação priorizando, assim, umas em detrimento de outras.

Estas ‘escolhas e preferências’ produtivas não divulgadas, muitas vezes, resultam de estudos que trazem estereótipos consolidados pela ‘misoginia, machismo, racismo e sexismo’, que se manifestam de diversas formas. Sejam através da depreciação, da objetificação, do descrédito e dos múltiplos

tipos de violência contra a mulher, as nações indígenas, os Quilombolas, Lésbicas, Trans, Caiçaras, Faveladas/os ou não, ou ainda de maneira física, moral, sexual, patrimonial ou psicológica, entre outros, que estão presentes na estrutura social. Trazendo para o entendimento o conceito de dororidade de Vilma Piedade (2019, p. 16) é possível assinalar que muitas vezes as invisibilidades dessas pesquisas evidenciam o “[...] descompasso entre a experiência vivida como tal e o relato possível que sobre ela se constrói”, reforçando as práticas de resistência acadêmico-comunicativa para delimitar e definir o território epistêmico, nos estudos da área da Comunicação

Outra forma de entender o cenário proposto pelo Dossiê é através dos estudos de Comunicação na sociedade contemporânea, tendo as questões de gênero não como objetos de análise, mas como protagonistas “sujeitas” da pesquisa. Os resultados podem oferecer a interpretação ampla das etapas e processos percorridos no âmbito da produção em comunicação na região, decorrência da intervenção prática sobre o que está sendo realizado na área, em uma diversidade temática e conceitual capaz de abrigar as múltiplas especificidades geo-culturais e sócio-regionais. E nesta acepção, recheado de sentido, de pertencimento e de estímulos que o Dossiê foi organizado.

Se por um aspecto é necessário rever trajetórias históricas da construção do Pensamento Comunicacional na América Latina, por outro é fundamental recuperar o entendimento da amplitude da área, resgatando o conceito de estabilização – não representando equilíbrio, mas consolidação. Igualmente a ideia de ordem, não como sequência, mas como inter-relação entre os conhecimentos. Para isso é necessário o diálogo, o abandono do ponto de vista particular de cada disciplina, caminhando para um saber autônomo que resulte em novos objetivos,



métodos de integração e inclusão de outros olhares produzidos, até então pouco considerados nos estudos da área. É fundamental gerar um pensamento híbrido (mestiço) não exclusivo, mas apropriado para integrar a diversidade comunicativa demandada na região e presentes nos estudos disponibilizados nesse Dossiê.

Deste modo, não podemos perder de foco os elementos formadores de nossa identidade, como a diversidade, o conhecimento advindo dos povos originários, dos escravizados, das mulheres, dos movimentos sociais e das lutas empreendidas pela ideia de pertencimento, formando um conjunto singular, mas não homogêneo, de saberes críticos contemporâneos.

Canclini (2022, web) chama a atenção para as concepções de diversidade que, muitas vezes, são utilizadas nas reflexões críticas para desenhar o cenário da América Latina, em especial com referência à produção cultural, objetivando a simbiose entre as diversas culturas dos povos originários e das representações étnicas, sociais, de

gênero, de classe social, que compõe o panorama da região. Para o professor, é fundamental evitar a “dinâmica uniformizadora e simplificadora da massificação industrial da cultura”, pois essas tendem a nivelar e equalizar as diferenças das culturas, diminuindo “o discordante, os pontos de resistência e os desafios dos diferentes”. É preciso possibilitar as conexões e as interconexões com o mundo, e nesse link reflexivo mirar para além dos limites de ocupação territorial e manutenção da língua pátria. Para o pesquisador é fundamental “pensar *interculturalmente* na pesquisa, nas políticas educacionais, legais e de convivência a fim de que a defesa do peculiar se articule com os direitos de acesso ao patrimônio nacional e às redes de intercâmbio material e simbólico que nos conectam com o mundo”, trazendo para o cenário as dimensões sociais da construção de sentido.

Maria Cristina Gobbi
Eloína Castro Lara

Referências

- CANCLINI, Néstor García. Verbete: Cultural, Diversidade. In: Enciclopedia **Latinoamericana**, 2006. Versão eletrônica, acesso gratuito. Responsabilidade científica de Emir Sader, Coordenação executiva Ivana Jinkings, Editorial Boitempo e *Revista Margem Esquerda*, 2006. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/es/entradas/d/diversidad-cultural>>. Acesso: jan 2022.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Apresentação. In: bell hooks. **Teoria feminista**. Da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: perspectiva, 2019.
- GOBBI, Maria Cristina. **Do silenciamento à palavra**: mulheres nos estudos em comunicação na América Latina. Portugal: Ria Editorial, 2022.
- hooks, bell. **Teoria feminista**. Da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- PROAÑO, Luis E. La liberación de la mujer. Editorial. In: **Revista Chasqui**, v. 4, Equador: Ciespal, (pp. 2-3), 1982.
- URANGA, Washington. **Conocer, transformar, comunicar**. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Patria Grande, 2016.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **Procesos comunicacionales, recepción, educación y transmetodología**. Congresso da ALAIC em 2010. Disponível: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Estudios_de_recepcion/ponencias/GT10_4efendy.pdf>. Acesso: jun de 2022.
- PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Nós, 2019.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Texto original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. In: **Educação & Realidade**, 20(2): 71-99, jul./dez. 1995.

